Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

Chronica Judicial, Artistica, e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 2.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 7 de Outubro de 1841.

A Redacção da REVISTA UNIVERSAL aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Faxa Hydraulica de Monteiro.

PORTUGAL.

25 ESTE invento de um patricio nosso é um dos bonissimos dos modernos tempos, um dos que mais convem se apregôem, até serem por toda a parte recebidos. Pôsto que de author portuguez, os Jornaes scientificos e Academias estrangeiras o engrandeceram com louvores, nações altivas o adoptaram, e ambos os Governos da nossa Peninsula o coroaram com o privilegio da lei. Um pouco annunciaram já ácerca da *Faxa Hydraulica* alguns periodicos de Lisboa; mas, porque não lograram ainda tornal-a conhecida e cubiçada, havemos por gostoso dever nosso o supprir essa mingua: para o que, eis-aqui em resumo o contheudo em um folheto de 14 paginas de oitavo grande e uma estampa, aqui impresso n'este anno de 1841, com o titulo de — *Aviso ao Publico. Descripção da Faxa ou Cinta hydraulica. Nova invenção para elevar e dirigir a agua e outros liquidos a qualquer altura etc.*

As machinas até agora usadas para elevar a agua erão todas imperfeitas, insufficientes, e sobremaneira dispendiosas. A *Faxa Hydraulica* de Monteiro de todas ellas differe, e a todas sobreléva: differe, porque em vez de elevar a agua, içando-a como as nóras, ou, como as bombas, sorvendo-a, tem a propriedade singular de a elevar obrando por attracção; e sobreléva, porque o seu custo é muito menor, o seu maneio muito mais facil, o seu producto muito mais avantajado, e a altura, a que póde arribar, illimitada.

De quatro péças se compõe essencialmente; dois tambores ou rôlos de madeira desiguaes em diametro, uma longa cinta de lan, e uma caixa. Dentro no pôço, rio, charco etc., de que se pretende haver a agua, está mettido o cilindro menos grosso, disposto horisontalmente, movel no seu eixo; o segundo e maior tambor, igualmente movel em um eixo, girará tambem horisontalmente, parallelo ao primeiro, e estará collocado na altura onde se pretende haver a agua: uma forte e longa cinta de lan, que terá de comprido

duas vezes a distancia, que vai de um a outro tambor, passando por cima do grande e por baixo do pequeno, se une e fecha comsigo mesma: o movimento, que por manivella ou por qualquer outra mechanica, por fôrça de homem, de animal, ou de vapor, se communica ao tambor alto, faz girar a cinta, como nas nóras o calabre; na rapidez, com que um dos lados d'ella sobe, arrebata, e leva comsigo uma consideravel e vistosa columna de agua, que o reveste, a qual, como chega acima, se lança e recolhe na caixa ou *taboleiro* d'onde depois se reparte para onde convem. A quantidade da agua, que assim per si se remonta, calcula-se em 50 a 80 arrateis por minuto por cada pollegada de largura, que tiver a *Faxa*; d'onde suppondo a *Faxa* de 6 pollegadas dará por minuto 480; por hora 28,800; por dia 669,200 arrateis; isto é, 20,912 almudes e meio, e pipas de 25 almudes 836 e meia; presuppondo o movimento da machina produzido por um vapor, ou outro qualquer agente, da fôrça unicamente de dois e meio cavallos. Não é este um calculo phantastico; tal é a força e tal é o producto de uma das machinas d'este genero que em Londres trabalhão, a qual se acha em um dos principaes mercados, *Portman Market*. A *Faxa* é de tal arte preparada, que nem com a agua apodrece, nem se deixa entrar dos bichos. Ora sendo as bombas muito mais baratas que as nóras, ainda muito menor que o preço das bombas é o das Faxas hydraulicas.

As pessoas, que desejarem havel-as, podem dirigir-se em Lisboa ao Snr. Luiz Manoel d'Almeida, *Rua direita da Esperança* n.º 106, e no Porto ao Snr. Manoel José dos Santos Apolino; ou tambem de qualquer parte corresponder-se directamente com o inventor, o Snr. Luiz Antonio Monteiro, residente em Londres em *Somer Street*, *n.º* 9, *Oxford Terrace*; o qual alem das encommendas d'estes apparelhos, e de excellentes machinas de vapor, para os moverem, se promptifica a aviar, pelo melhor modo, prensas hydraulicas para azeite, imprensas, teares, moinhos de todas as classes, rodas de agua, gazómetros, apparelhos de fabricar gaz para allumiar fabricas e mais edificios grandes, e quaesquer outras machinas. Concluiremos, advertindo, a fim de promover a propagação das *Faxas*, que tambem as ha, e se podem mandar vir, pequenas, e de mão, isto é para serem movidas a braço d'um homem, com as quaes em cinco minutos se tira mais agua, do que aliás com balde, em um quarto de hora.

R. L.

Nova e estupenda creação de trigo.

FRANÇA.

26 ANDÃO a falar por França n'um descobrimento pasmoso. E' o modo de crear trigo sem lavoura, nem estrume, nem monda, e em máo terreno! Consiste o achado (que para nós é ainda bastante problematico) em cobrir a semente com uma camada de palha para que a germinação se prefaça, e prospere a colheita. Aqui tendes diversas experiencias recentementes feitas, e relatadas por seus authores, *Ch. Paillard e Bernard*, de Brest.

» 1.ª N'um campo que estava de centeio, por não prestar para trigo, facultaram-nos um quinhão de terreno de pousio, d'uns 100 pés quadrados de superficie, por lavrar e estrumar; cobrimo-lo de trigo, e estendemos-lhe por cima uma cama de palha de pollegada de altura. »

» 2.ª Em um quintal de terra pessima, que não via estrume havia muitos annos, assentámos e recalcámos parte do sólo até ficar como uma eira; lançámos-lhe uma porção de trigo, e cobrimos-lh'a tambem de palha. »

» 3.ª Pozemos 20 bagos de trigo sobre um vidro plano, que tapámos de igual maneira. »

» Em toda a parte se operou a germinação dentro em pouco, e sahio muito formosa. »

» Foi o inverno aspero. No quintal a terra que deixáramos nua lageou-se por muitas vezes com côstra de neve de seis pollegadas de grossura, d'onde morreram muitas plantas recozidas e degoladas pela raiz, mas debaixo da nossa palha sempre terra solta e natural, e a nossa sementeira illesa e triumphante.

» A primavera seguinte correu sêca; e ao mesmo tempo que todas as culturas circumvisinhas padeciam, as nossas gramineas, que tinhão o pé na fresquidão, mercê da palha, medravão com furia. Houvemos abastadas colheitas; algumas hasteas vingáram a seis pés de alto, e derão 50, 60 até 82 bagos, mui grados, que maravilhavão a quantos n'elles punhão os olhos. O que mais espantava era o trigo creado em cima do vidro, e o ver que sem terra nem réga, as espigas fossem tão formosas e fornidas como as creadas em cima da terra, e de que acima falámos. »

A' vista d'estas experiencias, cuja exactidão se não pode ainda inteiramente affiançar, parece que se ha de concluir, que a terra só é base ou assento, assim para os pães, como

para qualquer outro genero de plantas. Entretanto semelhantes experiencias parciaes, mas que se lhes admitta perfeita exactidão, nunca produzem uma demonstração cabal; e só cultura em ponto grande, por dois ou tres annos com bom exito repetida, pode servir de prova.

Se algum lavrador portuguez curioso, movido da novidade, fizer tentativas, já d'aqui o damos por convidado para annunciar por este periodico de amigos seus o succedimento, qualquer que fôr, que lhe ellas, hajão de surtir.

A. J. de F.

Melhoramento no calçar das ruas.

PARIS.

27 Como entre nós as Camaras Municipaes das cidades põe actualmente um grande desvélo em as acear, e fazer cada vez menos incommodas, bom é saber que se principia a usar hoje em Paris de um novo methodo no calçar das ruas, de que resultará o não se empoçar a agua em parte alguma d'ellas em tempo de chuva. Nas ruas da *Moeda* e do *Roule* se está agora o tal methodo estreando: consiste unicamente em que os rêgos, em vez de correrem ao réz dos passeios, lhes vão mettidos e encobertos por debaixo.

M.

Novo fabrico de papel.

LISBOA.

28 Sob igual titulo disséramos em o nosso artigo n.º 5, que nos constava ter o Sr. *Gitton* requerido para o fabrico de papel, extrahido de estrume, a patente, não de inventor, mas de introductor: era isso em verdade o que tinhamos ouvido; e pessoa franceza, e conhecedora de França, nos affirmára por essa occasião, ser já por lá antiga a receita de o fazer da palha pôdre, qual do estrume do cavallo, e d'outros quadrupedes, se extrahe; agora porem sabemos de certo, que o privilégio que o Sr. *Gitton* espéra, é o de inventor: se o obtiver, como desejamos, satisfação nos será o provarmos por esse documento, que em Lisboa, e não em alguma outra parte, nasceu realmente um invento, que havemos por tão util.

C. R. S.

Machina para copiar paineis.

PRUSSIA.

29 Lemos no *Artista*, Jornal Parisiense dedicado ás Bellas Artes, que Elrei de Prussia decretára uma pensão vitalicia de perto de 300$000 réis a um allemão, por nome Lippmann, por este haver inventado certa machina para imprimir e copiar paineis a oleo, e mandára formar uma commissão para lhe dar quanto precisasse a bem de aperfeiçoar o seu invento.

Esta importante noticia é tão recente que não podémos ainda obter explicação alguma circunstanciada por onde alguem entre nós se possa governar e fazer tentativas; se a conseguirmos publical-a-hemos, e poderá ser bem util para se obterem traslados de muitas obras primas originaes de pintores portuguezes, enthesouradas na Academia das Bellas Artes de Lisboa, e de que um incendio nos poderia de um momento para o outro despojar. A' Academia tocára o fazer sobre esta materia todas as possiveis diligencias.

M.

Aperfeiçoamento para a navegação por vapor.

INGLATERRA.

30 Quão maravilhados não ficarião os moradores de Lincoln, quando ha poucos dias viram apparecer, entestar com as suas costas, e n'ellas surgir um nónada de navio, uma casquinha de noz, de vapor, e de nova arte. Como se lhe não enxergavão ródas, tiveram alguns dos mais espertos, que andava allí parafuso de Archimédes que o movia; mas o segredo é outro, e leva as lampadas ao parafuso. São duas pásinhas a ré, tocadas por um engenho de corrêas e moitões por tal arte concertados, que pouco se desgastão com o trabalho. Esta graciosa navêta (Joanna se chama) não excede de 25 pés inglezes de quilha e cinco de boca; o seu lote é de tres toneladas, e a fôrça da machina não chega á de um cavallo. Em tempo bonança deita sete milhas por hora; e o que mais recommenda esta Joanna, e suas irmãs, quando as tiver, para a navegação de rios estreitos e canaes, é o não levantar vaga. O inventor é Buxland de Greenwich, o qual acompanhou o Capi-

tão *Fairbaicn*, e outro amigo seu, na derrota de Londres a Boston. Tiverão mar bastante levantado, e o vento pela prôa; sem embargo a nossa pygméa levava-se como um passaro, e foi fazendo de corrida suas visitas a Southwold, Blankeney, Boston, Lincoln, e Nottingham, portando-se, não como quem era, mas com toda a destreza que lhe influia a sua machina, e com toda a affouteza e segurança d'um navio grande.

A. M. de C.

Apparato scenico de nova casta

VIENNA D'AUSTRIA.

31 Desentranha-se o mundo em invenções de toda a sorte. Em todas as materias se procura principalmente a novidade. D'esta tendencia, grandemente civilisadora, brotão, de envolta com as maiores maravilhas, as maiores extravagancias. A esta ultima especie pertence em realidade um invento allemão, que alguns jornaes tem proclamado como excellente, e cuja tentativa extasiou a cidade e corte de Vienna d'Austria.

No principal theatro d'aquella capital se representou o drama da *Donzella de Orleans*, de Schiller, com vistas naturaes. Toda a vez que haviam de apparecer um jardim, um bosque, uma paisagem, vinham verdadeiras arvores, arbustos, flores, relva, cascatas, repuxos, etc. O fundo do theatro estava povoado de uma espessura de álamos.

O Author e executor da idéa foi seis vezes chamado pelos expectadores, e seis vezes recebeu trovoadas de applausos; e em verdade acabava de fazer dois milagres, metter a natureza n'uma sala, e alvoroçar allemães. Entretanto esta invenção, se tal nome se pode dar ao rechaçar uma arte até ao ponto do seu primeiro nascimento, até á simplicidade da sua idéa primitiva, esta invenção, repetimos, descobre tão obvias e tão inevitaveis inconveniencias, que por impossivel temos que venha jamais a pegar em parte alguma.

Que vastidão não devia ser a de um theatro onde tal sistema fosse exequivel! Como se ouviria ahi devidamente a voz dos actores! Se o pinheiro fosse um verdadeiro pinheiro, o monte onde elle devesse figurar, por uma consequencia rigorosa, não deveria ser senão um verdadeiro monte. Depois, que derrotas não custaria á pobre natureza esta homenagem que se lhe pertenderia tributar! que sommas não serião necessarias para pagal'as! Que immenso espaço para conter taes objectos! Que forças, que mechanica, ou antes que arte magica, para a ponto os apresentar, ou retiral'os! Peças haveria que se não podessem representar senão em certa estação, em certa latitude, em certo sitio determinado! E depois de tudo, essa realidade forçada seria muito menos realidade do que o são os prestigios de uma sabia pintura! A grande natureza é altiva, não se deixa assim encarcerar, ao mesmo tempo que de mui boa mente permitte que a retrate o pincel de um *Cinatti*, ou de um *Rambois*. Ainda se o machinista, assim como obriga as arvores a vir para a scena, podesse forçar o sol que as procreou a vir na scena allumiar-lh'as!....

N'uma palavra, o espaço necessariamente limitado, e a luz necessariamente artificial a que todo o theatro tem de se reduzir, demandão irrecusavelmente a pintura; a perspectiva lhe liberalisa todas as grandezas possiveis; e um colorido calculado para a luz a que hade ser visto pode, e só elle, enganar os olhos; alli onde a arte, com a sua varinha de condão reproduz, brincando, a natureza, a natureza ainda ajudada do sceptro dos reis não se saberia a si mesma reproduzir.

A. F. de C.

Prelecções de Phisica

APPLICADA A'S ARTES, OFFICIOS, E INDUSTRIA MODERNA.

LISBOA.

32 Em o nosso precedente numero (artigo 9) annunciámos que o Snr. Sebastião José Ribeiro de Sá se propunha ensinar a materia acima indicada a quantas pessoas a desejassem de aprender. Agora acrescentaremos que da aptidão do joven professor obtivemos as mais favoraveis informações: o amor que professa á sciencia é n'elle paixão que iguala ao amor que demostra á sua patria. Os artifices e officiaes de quasi todos os misteres devem, tanto por gratidão como por proprio interesse, acudir a ouvil-o; e á classe illustrada de nossos leitores, que para si não carecer da doutrina do Snr. Ribeiro, toca recommendar, convencer e persuadir aos que não lêem, nem curão de procurar sciencia, que não desaproveitem esta que tão prestadia se lhes está offerecendo.

O local das prelecções, repetimos, é nas casas da Sociedade Philomatica, Rua de Santa Martha n.º 23; os dias todos os saba-

dos; a hora das 7 ás 8 da noute. Eis-aqui o programma.

Principios fundamentaes. Idéas Geraes de Phisica. Principios elementares de Mechanica. Forças Naturaes. Alavancas, suas differentes especies. Balança ordinaria e Romana.

Calorico. Idéas Geraes. Maneira de medir os seus effeitos. Temperatura. Thermómetros, suas descripções e construcção. Pyrómetro. Calorico especifico e latente. Transmissão do Calorico. Seus effeitos nos corpos.

Laminas Compensadoras. Suas applicações.

Ar athmosferico e Gazes. Pêso do ar e sua elasticidade. Barómetros, suas descripções e construcção. Bombas, aspirante e de compressão. Machina Pneumática. Do Ar considerado como condutor de calor. Fórnos em geral, e cada uma das suas partes em particular. Fogões para o aquecimento dos Edificios.

Acústica. Idéas Geraes. Echo. Porta voz. Resonancia. Construcção dos Theatros e Salas oratorias.

Da Agua e dos liquidos. Agua considerada mechanicamente. Areómetros. Suas descripções e usos. Vaporisação e Evaposisação.

Hygrometria. Idéas Geraes. Hygrómetros. Suas descripções e usos.

Vapor. Considerado como conductor do calorico. Considerado como força motriz. Machinas de vapor.

Electricidade. Idéas Geraes. Guarda Raios. Sua construcção e uso.

Meteorologia. Idéas Geraes.

Magnetismo. Principios fundamentaes, differentes processos para magnetizar.

Industria Moderna. 36 prelecções.

M.

Inscripções Publicas.

LISBOA.

33 O ignorar a syntaxe e a ortographia é um direito do cidadão, como outro qualquer direito; os solecismos e barbarismos não pódem ser processados, por não haver um procurador grammatical, assim como ha um procurador régio, e um procurador da fazenda: entretanto o enxovalhar com inscripções sandias uma polida e grande cidade, é uma barbaria, em que nunca a boa policia deve consentir; porque em tal caso mais descredito e vergonha recahem nos consentidores, do que nos proprios authores. Das inscripções parvas que deturpavão a cidade de Lisboa, não ha muitos annos, e de que um curioso encheu um volume, já felizmente nos vemos livres; com os alpendres, com os poiaes, com o pejamento, e immundicies da maior parte das nossas ruas, desappareceram, nem provavelmente voltarão, essas misérias escriptas que nos faziam apupar dos estrangeiros. Onde porém se iría refugiar o direito de fazer inscripções rediculas, e anti-grammaticaes? onde?... onde tudo vai parar; no cemitério. O que na taboleta da mais sordida taberna já não seria permittido, é ainda permittido e praticado na pédra eterna e santissima do túmulo. Visitai o nobre cemitério de *N. S. dos Prazeres*, essa Lisboa dos mortos, já tão magnifica, tão solemne, e tão povoada; recuareis espantado diante de algumas de suas incripções. E' possivel, exclamareis, que, onde tudo havia de estar ordenado para a melancholia, para a meditação, para o profundo estudo das verdades maximas, para a sciencia do fim ultimo, que é o primeiro principio de toda a sciencia moral, é possivel que, onde até as arvores e as pédras apontão para o Céo, e prégão desenganos, se escrevão, em caractéres indeleveis, documentos de ignorancia, affectos pueris, argucias e conceitos falsos! é possivel que, onde tantas lagrimas têem corrido, e correm todos os dias, o melancholico seja escandalisado pelas risadas que em indifferentes excitou um epitaphio? Nada d'isto é possivel, e tudo isto existe. Que nos não venhão com o cemitério do Padre La-chaise os que para tudo trazem França na algibeira; que nos não digão, que tambem lá ha tumulos bôbos, que divertem o animo das cogitações sérias e proveitosas. Em mil Franças, em logar de uma França, em mil Europas, em logar de uma Europa, que tal succedesse, nem por isso deixaria de ser essa uma coisa absurda, monstruosa, e intoleravel.

A' authoridade, a quem toque, ou póssa tocar, o atalhar de ora ávante estes sacrilégios contra os mortos, e talvez emendar e reparar os já commettidos, recommendamos este assumpto, nós, que temos finados entre esses finados, nós, que tambem ahi provavelmente um dia repousaremos. Respeite-se á dôr todo o seu direito; consinta-se á orfandade do coração o exhalar-se livremente nos termos em que ella entender que melhor se exprime; porém nos recados que ao marmore confiar, para que os leve aos séculos depois de os divulgar no presente, não se lhe consinta ultrapassar as impreteriveis balisas do senso commum. . . . . Censura prévia?! exclamarão os fanaticos da liberdade; sim, censura prévia, e eternamente censura prévia para obras

que têem de ficar para sempre, que se não refutão, que pertencem por sua natureza a todos, e que pódem ir lezar os mais santos, os mais inviolaveis de todos os direitos, os direitos dos mortos. Mais censura prévia quizéramos nós ainda do que para as simpleces inscripções sepulchraes, e philosophica seria em summo grão; quizéramol-a tambem para a propria architectura dos tumulos; quizéramos que em cemitério christão se não encontrasse o escandalo de figuras, ou allusões fabulosas, que, se não fossem o cúmulo da estupidez, serião a mais punivel de todas as impiedades. Eregi quantos monumentos quizerdes, e como quizerdes; mas que o sejão de vossa dôr e piedade, e nunca da vossa extravagancia ou insensatez; e, se ousardes querel-o, haja braço publico, mais forte que o vosso, que vos reprima. A authoridade, que vos obriga a não sepultardes vosso filho, vosso irmão, vossa espôsa, ou vosso pai, senão em certo logar determinado, a acceitar para elle o numero que por sua ordem lhe coube n'aquellas silenciosas ruas dos mortos, essa mesma authoridade vos deve constranger a não irdes ahi perturbar a geral harmonia, e fazer da sua pousada uma pédra de escandalo entre seus visinhos.

Pelo que n'este artigo nos dilatámos não pediremos vénia; para mui largas paginas era elle: é um interesse que a todos deve tocar, quer pelas affeições, quer pelo egoismo, quer pela religião, quer pela philosophia, quer pela simples humanidade. Recommendàmol-o aos que pódem prover de remedio tamanho desamparo; assim como a todos os escriptores publicos, que acreditão que álem do mundo da politica ha ainda outro mundo, e muito maior, e muito mais venerando, e muito mais certo, o mundo da moral.

A. F. de C.

Providencias Policiaes.

PORTUGAL E BERLIM.

34 Ha no meio da Sociedade um grande mal; e tão máo de curar, tão rebelde a toda a casta de remedios, que não diremos sómente que atura, senão que a passo cheio vai progredindo; e como é de natureza contagiosa, lavra mais, e faz miseravel estrago nas cidades mais populosas: não ha villa, nem logar, por pequeno, ou sadio que seja, onde tal peste não chegue. Este mal é a *prostituição*! E' cancro, que, por desgraça nossa, nos tem arruinado a moral publica e particular, sem haver fôrça que o cohiba, nem meio, que ponha a côbro os são para que não sejão iscados d'esta contagião, tanto mais para temer, quanto seus effeitos são os mais calamitosos que se podem dar na ordem social. Para a cura dos males phisicos emprega a nação grandes meios; despende grossas sommas nas universidades, nos collegios, nos hospitaes: não ha municipio sem facultativo com seu partido; nem regimento sem cirurgião: apenas o mal tóca á porta, acodem medicos ao rebate, fervem juntas e remedios. O grande mal da *prostituição*, com ser tão funesto, como que é ao mesmo tempo phisico e moral, grassa livre por toda a parte, não ha que entender com elle! se perdoa á vida, léva a honra, corrompe os costumes, perverte a innocencia, consome a fazenda roubada a pais, a filhos, a maridos, a mulheres; produz tumultos publicos, guerras domesticas, provocações, duellos, divorcios, e tamanhas e tão numerosas calamidades, que fôra impossivel abrangel-as em tão breve espaço. Quem meditar n'este mal, e no subtil d'este veneno; quem estimar a honra, a decencia, a honestidade para si, e para os outros, dará o valor e pêso devido a estas considerações, que não é por certo a imaginação que vai afeando os damnos, mas sim a alma que se nos corta á vista da immoralidade; e o coração, que de sentido pela desgraça de tantas victimas, a quem fôra facil dar honesto destino, clama por soccorro e remedio. Não entendemos aqui sómente com a prostituição publica exercida em lupanares, que a olhos vistos vão augmentando em numero, o que muito monta reprimir, fiscalisar, e occultar, quanto ser possa; mas com outra especie de prostituição igualmente damnosa á moral, e que posto não seja um tráfico infame tão franco, e tão para todos, n'ella com tudo se vai perdendo a honra e a honestidade de tantas donzellas, e de tantas familias, ou illudidas com a esperança, que nunca se realisa, de se verem amparadas, ou julgando que tão deshonesto tracto é o tirocinio da vida matrimonial, por onde, segundo os exemplos de todos os dias, hão que devem passar todas as que aspirão áquelle estado; e taes ha, que preferem de bom grado ao fim honesto este torpe meio, e n'elle se fazem professas. Outro mal, que por ventura demanda ainda mais efficaz e prompto remedio, é o adulterio habitual, em que tantos vivem á mão te-

nente, com tanta affronta das leis, da religião, e da publica decencia; e por onde se perdem muitos cabedaes, a honestidade e união conjugal, e a educação dos filhos. E julgará alguem que não ha aqui sobrada razão para implorarmos dos que nos governão a maior attenção sobre esta calamidade, e a maior energia em remedial-a e precavel-a? Se as nossas leis, que n'este ponto foram tantas desde o começo da monarchia, hoje são caducas, ou insufficientes, não é o mal tão forte, e tão funesto, que valha a pena de todo o sacrificio para se remediar ou diminuir, dando vigor ás antigas, e formando novas, concertadas com os principios de nossa actual Politica? E se entre nós tem havido tamanho desejo de imitar os estranhos em coisas de menor monta, mova-nos o exemplo de fóra a guardarmos com todo o recato em nossa casa a honra e os bons costumes. Muitos exemplos poderâmos nós citar n'esta materia da boa diligencia, e rigorosa policia, com que em outras nações se atalhão taes males, se repárão damnos, e precatão escandalos, mas tornaremos a este assumpto, que mais que muito pede elle a attenção de todo o escriptor probo: limitar-nos-hemos por ora a dar noticia das energicas providencias que sobre isto se estão praticando em Berlim, traduzindo para aqui dos periodicos allemães o artigo, que segue; não porque entendamos que seja tudo ahi de facil execução entre nós, mórmente no que toca á authoridade do clero, que nunca terá elle valor bastante n'este ponto do seu alto ministerio, em quanto durar sua pobresa e dependencia; mas porque, sem que seja mister renovar as antigas correições, visitas, e devassas ecclesiasticas, bom e grandissimo proveito póde vir-nos do inteiro desempenho das funcções parochiaes n'esta parte, escolhendo para taes logares homens virtuosos e letrados, e dando-lhes toda a isenção e independencia, que pede a razão de seu honroso e divino encargo, para que não fique presa e maniatada a palavra de Deos, e póssa ella, como bálsamo da vida, sarar tão velhas chagas e tão pertinaz enfermidade: e quando remedios doces e brandos, como são estes, forem baldados, lá estão os cautérios, e o ferro do braço secular.

Eis aqui a providencia, com que para a repressão da mancebia se sahiu o ministro do Reino na Prussia. » Os Magistrados de Policia intervirão não só quando algum obstaculo impedir um cazamento, mas todas as vezes que um viver em communicação extra-matrimonial offenda a moral publica, ou seja materia de escândalo. Ao Clero tocarão os primeiros remedios cohibitivos; frustrados estes, á Policia tocão os derradeiros.»

F. M. P. S. N.

Missões Catholicas.

ILHAS DO OCEANO PACIFICO.

35 Acaba de chegar a Bordeos o Bispo de Nicopolis, que vem buscar a França um reforço de Missionarios para as vastas e numerosas ilhas do Oceano Pacifico que são parte da sua jurisdicção episcopal.

P. S. de R.

Monumento

A EL-REI S. LUIZ DE FRANÇA.

TUNES.

36 Por occasião de se inaugurar ultimamente em Tunes um monumento erigido a S. Luiz, foi a festa interrompida por uma forte chuva, que no verão he ali uma verdadeira maravilha; mas como a chuva he um signal de prosperidade para os Mouros, attribuiram semelhante favor do Céo á influencia do Santo francez, o qual ali ficou ao lado do Santo musulmano Sidi Boussais.

P. S. de R.

Caminhos de ferro.

INGLATERRA.

37 Ha já na Inglaterra 375 leguas de caminhos de ferro por onde transitão annualmente 21 milhões de pessoas; produzem um redito de cincoenta e dois milhões de cruzados. Este prodigioso effeito, e ao mesmo tempo causa poderosissima de civilisação, mais nos pode servir para assombros do que para competencia; mas se a mesquinhez de nossa fortuna, se a quasi nullidade do nosso commercio, se o diminutissimo tráfico da nossa industria nos não permittem aspirar tão cedo a possuir d'estes caminhos, onde a rapidez do homem excede á do vento, caminhos milagrosos, que assim

para os negocios, como para os prazeres e affectos, nos augmentão realmente a vida, pois que aniquilão as distancias, e com ellas graves dispendios de dinheiro, de saude, e de tempo; é todavia util que a noticia d'estes bens gozados por outrem, obrigando-nos a reflectir, nos acenda uma pouca de inveja, não para igualarmos a quem tanto possue, mas para forcejarmos cada vez mais de sahir d'este estado de quasi completa insociabilidade que entre nós resulta da falta de caminhos, que mereção o nome de praticaveis. N'isto deveram ter constantemente pregados os olhos as Camaras Municipaes, para que em quanto n'outros paizes se vôa quasi com a ligeireza do pensamento, não continuemos nós sempre, como até agora, a permanecer na immobilidade, estado violento, perjudicial, e contra a natureza, que se nos tivesse feito para não sahirmos do torrão em que nos produzio, bem nos podéra ter afferrado a elle com raizes como as arvores. Estas são as obras mais verdadeiramente progressivas, mais verdadeiramente uteis, de quantas em nosso reino se podem emprehender; embellezai as cidades, as villas, e até as aldêas, mas pensai primeiro no que ligando as cidades, as villas, e as aldêas entre si, as enriquece umas por outras, as civilisa, faz de muitos povos um só povo, produz um interesse geral, constitue uma Nação, e essas coisas não são outras senão as estradas, os caminhos principaes e transversaes, e todo o genero de serventias, assim de terra como d'agua. A. M. de C.

FRANÇA.

38 Tambem na França vai medrando a moda dos caminhos de ferro. Os de Paris para *Versailles* e *S. Germano* são duas torrentes continuas de viajantes. De seis em seis minutos se vê por elles ir ou vir uma récua de carruagens tiradas pelo vapôr. N'um dos ultimos Domingos forão transitados de 44,500 pessoas, trabalhando 219 machinas e 2,249 seges. A somma das leguas andadas em 12 horas foi de 1,332. A. M. de C.

AUSTRIA.

39 Em Vianna se fez uma experiencia de carriar tropa pela estrada ferrea do Imperador Fernando.

Oitocentos caçadores, com suas armas, e todo o mais trem, em 33 carruagens, tiradas por uma só machina de vapôr, se trasladaram em espaço de sós 8 horas de *Hardisch* para *Brunn*. Para tropa de pé, e por jornadas ordinarias, caminho é aquelle para sete ou oito dias. A. M. de C.

Congresso de Sabios.

LYÃO DE FRANÇA.

40 No nosso artigo 18 promettêramos relatar a seu tempo o que n'esse concilio de sciencias se houvesse tratado. Um acontecimento inopinado, e dignissimo de grave censura, nos tolhe o desempenharmo-nos por hoje de nossa palavra.

Os Redactores dos Jornaes de Lyão, puerilmente amuados por não haverem sido formal e curialmente convidados pelos 1200 sabios a assistir ás conferencias, e preferindo por uma logica extraordinaria attribuir tal omissão a menoscabo, assentaram em tomar a mesquinha desforra de condemnar, ao menos por sua parte, ao silencio, o que nem a elles, nem aos mesmos sabios pertencia já, senão á immensa república litteraria espalhada por todo o mundo. Este exemplo de vilania sem sabor, é uma nodoa nos fastos da imprensa periodica, e não é de temer que jámais se repita em parte alguma. Por outras vias esperamos receber das actas d'aquelle Congresso alguma noticia, que promptamente estamparemos.

A. M. de C.

Congresso Scientifico.

FLORENÇA.

41 Começaram-se em Florença os apprestos para a terceira reunião de sabios; vai dando mostras de que ha de ser mais numerosa e esplendida que os de Pisa e Turim. Os Governos de Roma e Napoles já não prohibem aos Professores de seus Estados o concorrerem; haverá, logo, este anno representantes de todos os da Italia. O celebre astronomo francez *Arago*, e os sabios *Orioli* e *Libri* tinha-se que não havião de faltar.

A 15 de Setembro devião de se abrir as conferencias, precedendo missa cantada em *Santa Cruz*, que bem se pode appellidar o Pantheon de Florença, pois contêm os mau-

soléos de Miguel Angelo, Galileo Galilei, e muitos outros varões célebres, bem como o gigantéo monumento alçado á gloria do Dante. Formosa scena tinha de ser aquella! Os sabios militantes entre os sabios triumphantes! as glorias do porvir em frente das glorias do passado! o fervor das almas fecundas e creadoras por entre o mudo *JAZ* dos sepulchros; e todos aos pés do Senhor da vida e da morte, do principio de toda a sciencia!

Do templo devia o congresso trasladar-se para a grande salla do *Palacio Velho*, onde centenares de cidadãos deliberavam outr'ora sobre os negocios publicos. O Marquez *Ridolfi*, Presidente, havia de recitar a oração inaugural, procedendo-se depois á nomeação de Presidentes e Secretarios para as Commissões.

Tudo se achava (bem hajão os desvélos do Governo) dignamente preparado para receber a taes hospedes. A bibliotheca, as sallas, e a galeria do antigo palacio dos Medicis, devião de estar de manham e de tarde francas aos membros do Congresso, que havião de ter tambem entrada livre em todos os estabelecimentos publicos. Tencionavam-se festas estrondosas para em quanto durasse a assembléa; e a estatua de Galileo, que fora inaugurada em Pisa, sua patria, em 1839, tinha de ser solemnemente collocada no Musêu de Phisica e Historia Natural d'esta mesma cidade de Florença, onde veio deixar os seus despojos mortaes. Assim, para começo e remate d'este scientifico ajuntamento, sabiamente se preferiram as duas mais nobres cousas do Universo — o Deos que o creou, e o homem que a despeito da ignorancia poderosa e fanatica ousou fazel'o conhecer — o Deos cuja palavra fez o mundo, e o homem cuja palavra fez que o mundo se movesse.

A. M. de C.

Prodigio Mathematico.

VITTO MANGIAMELE.

HESPANHA.

42 SE do que temos agora para contar não houvéra já milhares de testemunhas, mal ousariamos de o escrever, mas que por nossos olhos e ouvidos o tivessemos presenceado. Vitto Mangiamele é um mancebo italiano, que nasceu Mathematico, ou por melhor dizer, é a Mathematica em pessoa, encarnada em corpo de um mancebo italiano, e disfarçada sob a alcunha de Vitto Mangiamele.

O Archytas, por quem Horacio diz que era capaz de numerar os grãos innumeraveis da areia, seria o unico ente comparavel a Vitto Mangiamele, se uma ode encomiastica, feita ha 1800 annos, fosse um documento tão irrefragavel como a voz unisona de tantos jornaes castelhanos, que estão pregoando as incalculaveis maravilhas do incalculavel calculador Vitto Mangiamele.

O que d'elle se conta, se escreve, e imprime, e o que mais é, se presencêa, e se repete, e confunde a todos os incrédulos, deixa a perder de vista o *alfaiate dos contos árabes*, que só com o ver de longe um fréguez, lhe tirava tanto á justa a medida, que o vestido que lhe fazia lhe assentava de modo que vos ride de luva mais apertada.

Que faz pois Vitto Mangiamele, perguntareis vós? Vitto Mangiamele palpa de relance o ponteiro das horas do vosso relogio, e vos diz ao certo a hora, o minuto, o segundo, e até a fracção centessima de segundo em que vos achais! Mostrais-lhe uma grande mesa coberta de grãos de milho, dá-vos de repente a sua conta sem errar no êsmo nem uma unidade. Mas tudo isto não passa para elle de méros brincos, que entretanto em tempos de Inquisição talvez lhe dessem na cabeça.

Madrid e Sevilha vos podem relatar muito mais: ambas essas cidades, e muitas outras, o hão visto defender conclusões mathematicas *de omni scibili*.

Fez já este mancebo duas publicas ostentações em Cadiz, onde agora se não falla em outra coisa.

Os mais difficeis problemas, resolveu-os com uma promptidão e limpeza que orçava pelo milagroso. Da 1.ª diremos hoje algum pouco.

Encetou-se o acto com um acontecimento, que de todo lh'o podéra baldar, se no restante d'elle o seu mérito, indevidamente eclipsado ao principio, não houvéra resplandecido como um sol. Pedíra-lhe um sugeito as raizes de uma equação do 8.º gráo: Mangiamele lh'as apresentára, mas, por desgraça, não concordavam com as de antemão preparadas, que alí sahiram da algibeira do arguente. Qual porém se enganaria? Era ponto digno de exame, e sentença; mas nem se sentenciou, nem se examinou; aliás aconteceria muito provavelmente o que já em outra si milhante occurrencia se víra no Athenêo de Madrid. Assistião n'esse Athenêo aos triumphos de Mangiamele todos os Mathematicos da côrte, e entre elles o celebre Travessedo, que lhe apresentou um problema da mais diffi-

cultosa resolução. Resolveu-o todavia, e quasi a súbitas, o mancebo. De espaço o havia tambem o doutor em sua casa resolvido, mas as duas resoluções descordavão, e nenhum dos dois resolvedores se resolvia a concordar com o contrario parecer. Insistia Travessedo com termos desabridos; Mangiamele, com palavras cortezes, e modos acanhados, insistia tambem. Era este um *casus fœderis*, e um *dignus vindice nodus*: nomêa-se um jury composto dos mais insignes mathematicos presentes, examinão a materia, decretão a palma ao estrangeiro. Em Cadiz não faltou Travessedo, mas faltou jury. Afóra este primeiro contratempo, tudo mais correu e sahiu ás mil maravilhas: resolveu as mais complicadas questões: achou a raiz 8.ª, e 10.ª de numeros compostos de 20 e 30 algarismos; achou o valor das incognitas em equações do 5.º e 6.º gráo; fez em fim, sem outro auxilio mais que o de sua extraordinaria memoria, os calculos mais complicados, e que nunca ninguem imaginou se podessem fazer sem penna e papel.

Já Descartes, antes de haver publicado o seu immortal invento da applicação da Algebra á Geometria pelo systema das coordenadas, maravilhára a quantos ignoravão o systema de que se valia. Por elle, resolvia aquelle grande geómetra com a maior facilidade, os problemas relativos a curvas, e não podião comprehender os insignes mathematicos do seu tempo, como com tanta promptidão chegava a resultados que pelas simpleces construcções geometricas se não podião achar. Publicaram-se as obras d'aquelle genio creador, e para todos desappareceu o arcano. Mangiamele é sem dúvida um novo Descartes; e quando forem notorios os processos de que se vale, dará a sciencia um passo de gigante.

Quanto a nós, aguardamos com ancia o vel-o já chegar a Lisboa, para, por nossos olhos e ouvidos, nos acabarmos de convencer de que já hoje não ha impossiveis n'este mundo.

A. M. de C.

Silvio Pellico.

MILÃO.

43 NUNCA homem com maior gosto se desdisse em público do que nós agora o faremos. O Author das *Minhas Prisões*, que, segundo todos os jornaes da Europa, em o nosso artigo 22, déramos, e lamentáramos por morto, hoje por todos os jornaes da Europa, que nos acabão de chegar, sabemos que VIVE. Podem os amigos da Religião, da Philosophia, e das Boas Letras, entoar alleluias.

Monumento a Walter Scott

EDIMBURGO.

TRADUCÇÕES PORTUGUEZAS DE VARIAS OBRAS D'ESTE AUTHOR.

LISBOA.

44 O monumento que á memoria de Walter Scott começou em Edimburgo está já seu tanto crescido, mas falta o melhor para o concluirem. Vão recorrer a uma nova subscripção pelos tres reinos; se ella não bastar, como recêão, diz-se que appellarão (valha a verdade) para a caridade poetica da França. Se com effeito cada leitor francez do grande homem das novellas historicas, e pequeno historiador novelleiro, do grande homem do Seculo, acudir ao chamamento; se todos os que em França mercão as obras do Escocez concorrerem á sua urna, convertida em mialheiro; se finalmente, em vez dos visinhos inglezes, onde ha homens com 2 e 3 contos diarios, forem os visinhos d'áquém do Estreito os que rematem aquella fábrica escoceza, o monumento de Walter Scott ficará sendo ao mesmo tempo um symbolo da diversidade de genio dos dois Povos aos olhos da posteridade.

Não se infira d'alguma das expressões que pozemos, que pertencemos ao grande numero dos para quem Walter Scott é personagem muito inferior á sua fama; pelo contrario, sem sermos de maneira alguma inglezes, reconhecemos, e confessamos, o seu mérito; e muito folgaremos se a traducção completa das suas obras, que estes dias atraz *anonimamente* se annunciou, preencher todas as condições do seu programma, combinando fidelidade com elegancia de estilo, pureza de frase e de dicção. Veremos e fallaremos.

N'este lugar faltariamos nós ao amor que á bonissima de nossa lingua professâmos, se deixassemos de recommendar *Ivanhoé*, e *Quintino Durward*, versões do Sr. André Joaquim Ramalho de Souza, feitas com uma consciencia delicada, longo estudo, e copioso saber; a 1.ª impressa em 1838, a 2.ª em 1838 a 39.

Consta-nos que o mesmo Snr. tem quasi concluida a de *Kenilworth*, e tenciona ir proseguindo na laboriosa tarefa de trasladar para portuguez portuguez o inglez inglez dos principaes escriptos d'aquelle author famigerado. A. F. de C.

Bibliographia Portugueza.

CHRONICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DE GUINÉ.

Geschichte von Portugal, von Dr. Heinrich Schaefer, etc. Historia de Portugal pelo Dr. Henrique Schaefer etc. 1.º vol. Hamburgo 1836; 2.º idem 1839. — 3.º — O 1.º de 487 pag., e o 2.º de 667.

A mesma obra traduzida do allemão em francez por *Henri Soulange Bodin.* — 1 vol. de 8.º max. — 571 pag.

45 TAMANHO tem sido em portuguezes o descuido de escrever a sua historia, que pertendendo-se em Allemanha formar um corpo, ou collecção geral, das de todos os estados européos, da qual são editores os Snrs. *Heeren e Ukert*; e incumbindo-se a um litterato a de Portugal, foi-lhe necessario ir socavar as minas de que só á força de fadigas improbas e incançavel perseverança se podem a final extrahir cabedaes.

Em boa hora para Portugal, e em boa hora para Allemanha, foi esta missão tocar ao Snr. H. Schaefer, Lente de Historia da Universidade de Gieszen, e litterato, que, se já não tivera tão bons créditos, bastára o seu novo trabalho da Historia de Portugal para lh'os grangear.

Os livros de Historia pátria, raro folheados dos nossos proprios litteratos, e ricas, mas enfadonhas, paginas da *Malta Portugueza*, os aridos documentos da *Hespanha Sagrada* e das *Dissertações Chronologicas*, as explicações a cada palavra do *Elucidario*, as antigas *Ordenações*, a *Historia Genealógica*, as *Chronicas Profanas e Monasticas*, as *Memorias* em volumes ou avulsas, da nossa Academia tudo foi convenientemente aproveitado pelo Snr. Schaefer, que demais ajunta a isto o ser um allemão, que escreve a historia como hoje não podia deixar de escrevêl'a um allemão. Claro é logo que não havia o Snr. Schaefer de encarar a de Portugal á moda antiga, só pelo elemento politico. Tão pouco pertence elle á seita dos novos Guizots, que fabrícão a historia nas suas cabeças, para produzirem effeito philosophico, seja qual for a verdade. Não: o Snr. Schaefer estuda profundamente os factos, e narra-os com fidelidade, citando as fontes, e desassombrado de preoccupações: não tem um historiar offensivo para o amor proprio do leitor; não se arroga o ensinar-lhe a interpretar os successos.

Abrange o seu 1.º volume o periodo desde a desmembração de Portugal de Castella até á morte d'Elrei D. Fernando, em quem parou a dynastia de Borgonha. O sr. Schaefer, seguindo a opinião de que a historia de Portugal, antes da existencia politica e independente deste Reino, não pertence á de Portugal, mas sim á geral da Hespanha, dá apenas em uma introducção idea d'esses tempos antigos, e entra logo no assumpto; de certos em certos periodos faz uma parada; olha do alto para a scena que o seu trabalho poz patente, e então se recrêa alargando a alma com o leitor pelo espaço andado, e deixando-o por seus olhos contemplar o que lá lhes fica. Com Elrei D. João 2.º se nos remata o 2.º volume.

Por em quanto privados estamos de proseguir jornada com tão agradavel guia, pois nos declara que poz por agora ponto para ir escrever a Historia de Hespanha, que deve primeiro trazer a certa altura, e passar depois á época brilhante da historia portugueza. *Portugal no Século XVI* deverá em verdade ser obra digna de estampar-se com letras de oiro.

Anciâmos pelo tempo em que o Snr. Schaefer póssa vir continuar a enriquecer a litteratura que diz respeito a este bello canto da Europa.

Porem já sentimos ir-se-nos transformando em desconsolo o gosto com que vinhamos escrevendo; a pezar nosso o dever e a justiça requerem que aos encomios até aqui dados ao author succedão agora acres e merecidas censuras ao traduzidor francez. Com effeito se pelo dedo se conhece o gigante, avaliaremos logo a consciencia com que tal versão (antes inversão) se perpetrou, lendo na capa em letras que arremetem com os olhos a clausula de ser feita a traducção *avec des notes de M. le Vicomte de Santarem*, e logo no rosto a seguinte limitação contradictoria = *avec une note sur la chronique inedite de la conquête de Guinée, donnée par M. le Vicomte de Santarem* = avultando este ultimo nome em letra maiuscula. E realmente só uma nota, ou antes especie de annuncio, ou prospecto da nova publicação d'Azurara, de que para a semana fallaremos, é que ahi apparece da penna do Snr. Santarem.

Vistes nunca mais doirada taboleta de vendedor de cominhos? Factos d'estes, que parecem de importancia nulla, são graves injurias contra todo o genero humano que sabe ler; são crimes litterarios que a todos os que pégam em penna cumpre punir. Servir-se de um nome acreditado na critica da historia portugueza como de isca para pescar assignantes e compradores á obra, é proprio de traficantes de letras e não de litteratos.

A traducção nada contêm de mais, e tem muito de menos do que o original, e pouco satisfeito ficaria o Snr. Schaefer quando viu o seu filho querido e legitimo proclamado bastardo em nação estranha, e por juizes sem provas.

O sentido do Author, quando não adulterado, é saltado aos pés juntos pelo empenho de poupar escrita. A doutrina é apresentada — quando o é — com divisões de outra fórma. As notas em que o Sr. Schaefer poz tanto esmero, principalmente as que são escriptas em portuguez, vem ás vezes tão desfiguradas que não se podem ler. Em citações não falemos, que nem julgâmos valer a pena de nos darmos a esses escrupulos de algarismos quando temos tão notaveis pontos de censura. Por derradeiro nem vem o reinado do Snr. D. João 2.º, que já no allemão se publicou. —

No demais é um livro excellente — isto é no papel e no typo. F. A. V.

Bibliographia Castelhana.

46 Por que razão, hoje que a philosophia anda varrendo de sobre a terra as preoccupações de toda a casta, hoje que o genero humano tende para a unidade e fraternidade, hoje que não ha já uma républica litteraria e independente em cada paiz, mas uma confederação universal de républicas litterarias, Portugal e Castella continuão a estar de estremados por uma bruta muralha de compléta indifferença, mais massiça e alta que o muro que affasta a China da Tartaria! Os povos de Portugal e Castella, irmãos por grande parte, de sua historia, de seu caracter, e de seus costumes, irmãos até na lingua, cada uma das quaes se pode estudar pelos classicos da outra, povos não visinhos, senão moradores quasi, do mesmo terreno, parecem um do outro affastados por milhões de leguas. Com a falta de mutuo commercio intellectual perdemos nós e perdem elles, porque n'uma e n'outra parte se produzem, e crião, e amadurecem ainda hoje homens, d'um talento brilhante e incontestavel. Não pertendemos nós que ressuscite uma época desnacional, em que outra vez os nossos Prosadores, e Poetas de maior merito, enriqueção a lingua visinha, defraudando de obras primas a de seus naturaes; era esse um absurdo em que muitos absurdos se reunião; quiséramos sim que os letratos de uma e outra nação procurassem conhecer mais ao largo, e ser mais ao largo conhecidos; n'isso lucrarião ambas as linguas, ambas as civilisações, e n'isso finalmente se abririão novos meios de consumo ás duas litteraturas, para poderem, não opulentar, mas ao menos sustentar a seus cultores. Porque razão, perguntal'o-hemos a Portugal e á Hespanha, por que razão havendo em Lisboa e Madrid venda publica e abundante de livros francezes, de livros inglezes, de livros americanos, e ainda um pouco de livros italianos e allemães, em Madrid se não encontra um livro Portuguez, em Lisboa se não encontra um livro Castelhano?! Aos livreiros tóca encetar esta especie de tratado reciproco, e aos Jornaes litterarios ajudal'o com o discurso, e com a persuasão. O que de nós depende fal'o-hemos nós. Com os annuncios da bibliographia castelhana procuraremos aguçar constantemente a curiosidade dos leitores Portuguezes.

Da generosidade e justiça dos nossos visinhos fiamos que será lá imitado o nosso exemplo. A. F. de C.

OBRAS CASTELHANAS PROXIMAS A SAHIR Á LUZ.

Compendio Chronologico da Historia de Hespanha, desde os tempos mais remotos até nossos dias.

Curso de Direito Natural, ou de philosophia do direito. Traducção do Allemão.

Livraria de Juizes, Letrados, e Escrivães.

Fastos Hespanhoes, ou Ephemérides da guerra civil desde 1832 até hoje.

Bibliotheca Infautil, dedicada aos meninos e amigos da meninice. Traducção do Allemão.

Museu Infautil, ou collecção de historias curiosas e instructivas para incitar a applicação dos meninos.

Viagem Pitoresca á roda do Mundo, resumo geral das viagens e descobertas de *Magalhães*, *Tasmar*, *Dampierre*, etc. etc.

(Continuar-se-ha com esta e mais bibliographia estrangeira).

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES
Rua da Condeça n.º 19.